



## HIGIENÓPOLIS: GRANDEZA DE UM BAIRRO PAULISTANO

HOMEM, MARIA CECÍLIA NACLÉRIO. 2. ED.  
SÃO PAULO: EDUSP, 2011, 280 P.

ISBN: 978-85-314-1292-9

---

Mirandulina Maria Moreira Azevedo

pós- | 291

### ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: HIGIENÓPOLIS REVISITADO

Essa recente segunda edição (2011) do livro *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano*, de Maria Cecília Naclério Homem, veio ampliada. Aos cinco capítulos originais, a autora acrescentou mais um: “Revitalização – 1980-2007”. O ajuste, não por acaso, resultou na modificação do título original, para, simplesmente, *Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano*.

O livro agora traz ainda outra novidade: vem acompanhado de um CD, com preciosa documentação gráfica, como a *Planta da Cidade de São Paulo*, de 1881, da Cia. Cantareira de Águas e Esgotos, entre tantos outros registros importantes.

A variada bibliografia indica diálogo entre diferentes fontes e está focada em uma eficiente interdisciplinaridade. A organização é explícita: arquivos particulares e depoimentos, enumerados por edição, seguidos por obras classificadas em Estudos Gerais, Especiais e Subsidiários, publicações sem indicação expressa de autor, literatura, *sites* e parte digital, constituída por plantas, desenhos e lista de bens tombados. O trabalho sobre essas bases resulta bastante positivo para o leitor.

Desde a primeira edição (1980), coube à autora elucidar a formação do bairro de Higienópolis por meio de uma narrativa em que os dados historiográficos são conduzidos a uma dinâmica de trabalhos de memória, aproximando-se de uma tessitura literária.

O primeiro capítulo, “A expansão urbana de São Paulo no último quartel do século XIX e o bairro de Higienópolis”, expõe as mudanças postas em marcha pelo programa de modernização trazido pela cafeicultura. Nesse

contexto, um poema de Mario de Andrade sugere uma nova separação das classes sociais, promovida pelos bairros. O mal-estar do poeta aponta uma singularidade da urbanização paulistana – a de gerar bairros como espaços privados –, conforme seria salientado, depois, por Garcez Marins, a respeito da mudança das relações entre habitação e vizinhança, nas metrópoles brasileiras.

O bairro foi ocupado pela elite paulistana, constituída por comerciantes estrangeiros, profissionais liberais, fazendeiros, comissários do café e os primeiros grandes nomes da indústria; do conjunto, a autora identifica algumas famílias de destaque, como a Silva Prado e Álvares Penteadado, e a parentela extensiva: as famílias Pacheco e Chaves Mendonça, Alves de Lima, etc. Se, de forma recorrente, a autora se vale de personagens emblemáticos, para conduzir sua narrativa, é porque entende, como afirma M. Halbwachs, que “*todas as recordações são memórias de grupo, e a memória do indivíduo só existe na medida em que este indivíduo é produto de determinada interseção de grupo*”.

No segundo capítulo, dedicado aos antecedentes, vale ressaltar a cuidadosa retrospectiva urbanística do bairro. Lugar situado nas encostas do espigão da avenida Paulista, a origem do nome Higienópolis, “cidade ou lugar de higiene”, está relacionada às propriedades climáticas da área; essa qualidade, desejada por uma elite local, em sintonia com uma nova cultura urbanística vigente na Europa, dotou a região de um crescente valor imobiliário. Higienópolis surgiu, de acordo com as fontes, à mercê da especulação imobiliária de uma sociedade especialmente constituída para tal fim, composta por dois empresários alemães, Martinho Burchard e Victor Nothmann.

O terceiro capítulo, voltado à descrição do empreendimento, faz compreender a singularidade do bairro na época, revelando que as benfeitorias urbanas, como água, esgoto, iluminação a gás, arborização e linha de bonde, e a proximidade de escolas e hospital tornavam Higienópolis endereço privilegiado. De fato, afirma E. Hobsbawm, somente no fim do século 19, membros bem-sucedidos das classes médias puderam sentir fisicamente o “conforto”.

O quarto capítulo, dedicado à compreensão da *belle époque* de São Paulo, é o ponto alto da obra: ao explicar a peculiar associação entre arquitetura e urbanismo, própria da época, de certo modo desvenda o modo de vida que deu caráter identitário ao bairro. Nele se antevê o embrião de outro livro – o do Palacete Paulistano (1996) –, em que expõe significações importantes do modo de morar da elite local.

Compreende-se que, no quinto capítulo, a autora use o termo “evolução”; há mudanças definitivas. Na primeira fase, de 1930 a 1949, período de descaracterização do bairro, gradativamente se adota o *american way of life*, é o início da perda dos traços originais do bairro, com a substituição das antigas edificações por edifícios em altura; e, na segunda fase, de 1950 a 1979, considerada interregno, a verticalização se acentua.

Com a segunda edição, introduziu-se um novo capítulo: Higienópolis foi revisitado sob um novo olhar. E não poderia ser diferente, a nova abordagem é resultado das mudanças do “objeto” e da atualização, em relação ao debate contemporâneo; as recentes modificações do bairro fazem parte das implicações entre global e local, que caracterizam as metrópoles contemporâneas.

Se, inicialmente, Higienópolis se criou à mercê da especulação imobiliária, hoje esse contexto se agrava, pois está em curso, como diagnosticou Fredric Jameson, uma especulação imobiliária que assume valores idênticos aos do capital financeiro, em escala mundial.

Por fim, a consciência sobre a qualidade do bairro, enquanto patrimônio, já presente desde a concepção original do livro, torna-se aguda e volta-se para sua preservação. Parece ser esse um dos motivos mais fortes de Higienópolis ter sido revisitado.

---

**Mirandulina Maria Moreira Azevedo**

Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Engenharia e Arquitetura.  
Rod. Santa Bárbara/Iracemápolis, km 1 – Iracemápolis  
13450-000 – Santa Bárbara D’ Oeste, SP  
(19) 3455-2311  
mira.m.azevedo@gmail.com

